vinetur

Vindima de 2026 na UE deverá ser uma das três mais pequenas do século

A OIV prevê 137 milhões de hectolitros, 1% acima de 2025, mas ainda 6% abaixo da média dos últimos cinco anos, após um calor recorde

quinta-feira, 19 de novembro de 2026



A Organização Internacional da Vinha e do Vinho (OIV) afirmou na quarta-feira, 18 de novembro, em Dijon, França, que a produção mundial de vinho em 2026 deverá manter-se próxima do nível do ano anterior, mas abaixo da média dos últimos cinco anos, uma vez que as pressões climáticas e as condições de mercado continuam a pesar sobre o setor.

Nas primeiras estimativas para a vindima de 2026, a OIV afirmou que a União Europeia deverá produzir cerca de 137 milhões de hectolitros de vinho, mais 1% do que em 2025, mas cerca de 6% abaixo da média dos últimos cinco anos. A confirmar-se, 2024, 2025 e 2026 serão as três vindimas mais pequenas da UE no século XXI. Ainda assim, o bloco deverá representar cerca de 61% da produção mundial de vinho em 2026.

A organização afirmou que a Europa Ocidental viveu, em 2026, o verão mais quente de que há registo. O calor prolongado e o stresse hídrico limitaram o desenvolvimento dos bagos e anteciparam as vindimas em muitas regiões vitivinícolas. As geadas primaveris provocaram perdas adicionais em algumas zonas, enquanto as reservas de água adequadas e a chuva atempada favoreceram a produção noutras. O resultado, segundo a OIV, foi uma campanha desigual em todo o continente: as vindimas fracas em França e Itália e as quebras em vários países da Europa Central foram compensadas pela recuperação em Espanha, Portugal e Roménia.

A Itália deverá continuar a ser o maior produtor mundial de vinho em 2026, com uma produção estimada em 41,0 milhões de hectolitros. O valor representa uma descida de 8% face a 2025 e de 10% em relação à média dos últimos cinco anos. Segundo a OIV, será a segunda vindima mais pequena de Itália desde 2000, ficando apenas 7% acima do mínimo registado em 2023. O calor estival e os longos períodos de seca aceleraram a maturação e anteciparam excecionalmente a vindima, limitando também os rendimentos.

A França, segundo maior produtor mundial, deverá alcançar 36,5 milhões de hectolitros. O valor será 2% superior ao de 2025, mas ainda 10% abaixo da média dos últimos cinco anos, assinalando o terceiro ano consecutivo de produção relativamente baixa. A OIV afirmou que o calor e a seca reduziram acentuadamente os rendimentos em grande parte do país, com as geadas a agravarem os danos em algumas regiões. A chuva na fase final da campanha contribuiu para uma recuperação parcial, mas não foi suficiente para compensar as perdas causadas pela falta de água durante o ciclo vegetativo.

Espanha deverá continuar a ser o terceiro maior produtor mundial, com uma produção de 32,6 milhões de hectolitros. O valor será 13% superior ao de 2025 e 2% acima da média dos últimos cinco anos. O aumento surge após três vindimas de pequena dimensão afetadas pela seca, embora a OIV afirme que a produção continua abaixo dos níveis históricos. As sucessivas vagas de calor também contribuíram para uma das vindimas mais precoces de que há registo no país.

Entre os outros grandes produtores da UE, a produção de vinho da Alemanha está estimada em 8,0 milhões de hectolitros, mais 6% do que em 2025, mas 3% abaixo da média dos últimos cinco anos. A OIV afirmou que um ciclo vegetativo quente e seco acelerou a maturação e limitou o desenvolvimento dos bagos, conduzindo a uma vindima excecionalmente precoce.

Portugal deverá produzir 6,7 milhões de hectolitros, um aumento de 12% face a 2025, embora ainda 4% abaixo da média dos últimos cinco anos. Segundo a OIV, a chuva de inverno repôs a humidade dos solos e favoreceu o desenvolvimento da vinha, mas o calor e o stresse hídrico posteriores limitaram os rendimentos em várias zonas de produção.

A produção da Grécia deverá situar-se em 1,7 milhões de hectolitros, mais 1% do que em 2025. A OIV afirmou que este valor dá continuidade à recuperação após as pequenas vindimas de 2023 e 2024. Ainda assim, a produção permanece 7% abaixo da média dos últimos cinco anos, depois de as geadas primaveris e o granizo localizado terem reduzido os rendimentos.

O cenário na Europa Central e do Sudeste foi misto. A Roménia registou uma das recuperações mais fortes da região, com uma produção estimada em 4,6 milhões de hectolitros, mais 40% do que em 2025 e 19% acima da média dos últimos cinco anos. A OIV afirmou que a chuva no final da primavera e no início do verão ajudou a repor as reservas de água nas principais zonas de cultivo e favoreceu a recuperação.

Também se prevê um aumento da produção na Bulgária e na Eslovénia. A produção búlgara está estimada em 0,7 milhões de hectolitros, mais 17%, enquanto a da Eslovénia deverá atingir 0,5 milhões de hectolitros, mais 5%.

Outros países da região enfrentam vindimas bastante mais pequenas. A produção da Hungria está estimada em 1,8 milhões de hectolitros, menos 31% do que em 2025, depois de às geadas primaveris se ter seguido um verão excecionalmente quente e seco. Também se prevê que a Áustria produza 1,8 milhões de hectolitros, uma descida de 30%. A OIV afirmou que a seca severa e o calor reduziram o crescimento dos bagos e os rendimentos em mosto, sobretudo nas regiões vitivinícolas orientais.

Também se esperam vindimas mais pequenas na Croácia, onde a produção está estimada em 0,6 milhões de hectolitros, menos 29%; na Chéquia, com 0,5 milhões de hectolitros, menos 24%; e na Eslováquia, com 0,2 milhões de hectolitros, menos 33%. A OIV afirmou que o calor e a falta de água afetaram zonas de produção em todos estes países e fizeram baixar a produção para valores inferiores à média.

As estimativas evidenciam a influência contínua dos padrões meteorológicos na produção de vinho em toda a Europa, mesmo nos países onde a produção recuperou dos mínimos dos últimos anos. A OIV afirmou que a combinação de calor estival extremo, seca prolongada, episódios localizados de geada e precipitação irregular levou muitos produtores a vindimar mais cedo e a registar rendimentos mais baixos, mantendo a produção global abaixo dos níveis normais, apesar dos aumentos em vários mercados.